



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

LEANDRO OLIVEIRA RIOS

CAMINHO DOS VENTOS

Grande reportagem sobre a expansão da energia eólica na Bahia

MEMÓRIA

Salvador
2013

LEANDRO OLIVEIRA RIOS

CAMINHO DOS VENTOS

Grande reportagem sobre a expansão da energia eólica na Bahia

Memória do Projeto Experimental, modalidade Grande Reportagem para Televisão, apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Comunicação – Jornalismo da Faculdade de Comunicação - UFBA.

ORIENTADORA: Profª. Simone Terezinha Bortoliero

SALVADOR, MARÇO DE 2013.

LEANDRO OLIVEIRA RIOS

CAMINHO DOS VENTOS

Memória do Projeto Experimental, modalidade Grande Reportagem para Televisão, apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Comunicação – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação - UFBA.

ORIENTADORA: Profª. Simone Terezinha Bortoliero

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Simone Terezinha Bortoliero (orientadora)

Faculdade de Comunicação (Facom)

Profª. Washington Souza Filho

Faculdade de Comunicação (Facom)

Maiza Andrade

Jornalista ambiental

Salvador, março de 2013.

AGRADECIMENTOS

A realização e conclusão deste trabalho marca um momento de mudanças e a concretização dele dependeu da participação e colaboração de muitas pessoas. E por isso mesmo, faço aqui meu agradecimento a todos os envolvidos que me apoiaram e me ajudaram no percurso.

Primeiramente, agradeço a abnegação que minha família teve em relação a mim, me dando todo o suporte necessário para uma pessoa que decide partir para conquistar algo maior. Agradeço as horas despendidas em oração e as ligações preocupadas. Sem ela, essa longa caminhada não teria sentido.

Aos meus colegas, que compartilharam os momentos de aprendizagem, instantes de entusiasmo nas realizações e de angústia nas decisões. Aproveito para agradecer imensamente a colaboração de Maurício Lídio Bezerra, no companheirismo e na paciência de me acompanhar na jornada deste trabalho, que é também dele.

Agradeço também à professora Simone por ter aceitado orientar este trabalho, dando sugestões pertinentes e informações imprescindíveis para a sua execução. Outros mestres também se fizeram presentes nesse projeto, como Ednildo Torres e Caiuby Alves, ambos da Escola Politécnica, que abriram espaço em suas horas para me atender e fornecer informações. A eles, meu agradecimento.

A realização desta reportagem só foi possível pela colaboração de todos que aceitaram participar dela e sou grato às minhas fontes. A Kleber Mota, Zenilda Miranda, Djalma Correia, Manoel Dantas, Lucimar Santana, estes da cidade de Miguel Calmon; a Gilson Moraes, da Secretaria de Infraestrutura do Estado da Bahia (Seinfra); ao ambientalista Almacks Silva; além de Bárbara Vieira (Seinfra) e Rafael Valverde, da Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração (SICM), pelas informações fornecidas. Muito obrigado pela ajuda e dedicação de todos vocês!

SUMÁRIO

Resumo, 5

1. Apresentação,6

2. Justificativa, 8

3. Objetivos, 10

4. Aspectos teóricos, 11

4.1 A grande reportagem em televisão, 11

4.2 Desenvolvimento das energias renováveis, 15

4.3 Energia Eólica na Bahia, 17

5. Etapas de Produção, 23

5.1 Pré-produção, 23

5.2 Gravação, 24

5.3 Edição e Roteiro, 25

5.4 Finalização, 26

6. Considerações finais, 28

7. Referências bibliográficas, 30

8. Videografia, 32

9. Anexos, 33

9.1 Cronograma, 33

9.2 Orçamento, 34

9.3 Roteiro, 35

10. Ficha Técnica, 43

Resumo

Caminho dos Ventos é uma grande reportagem televisiva, cujo tema é a expansão da produção de energia eólica na Microrregião da Chapada Diamantina. A reportagem tem um recorte compreendendo a cidade de Miguel Calmon, não deixando de lado outras cidades que contextualizem a realidade do estado da Bahia, como por exemplo, Brotas de Macaúbas, primeira a ter um parque eólico instalado, e Camaçari, sede de fábricas de equipamentos eólicos. Os principais temas a serem abordados são energia, energias renováveis, energia eólica, histórico de Miguel Calmon, além da narrativa da reportagem ser conduzida pelas perspectivas do meio ambiente e desenvolvimento social.

Palavras-Chaves: Grande Reportagem, Jornalismo Ambiental, Energia Eólica, Desenvolvimento Sustentável.

1. Apresentação

O desenvolvimento humano esteve intrinsecamente ligado às fontes de energia que o homem descobriu ou desenvolveu, desde a descoberta do fogo nos primórdios da humanidade até à busca atual por uma fonte que não agrida o meio ambiente. Neste caminho estiveram presentes o uso do carvão, combustíveis fósseis, hidroelétricas, termelétricas, e energias consideradas limpas e renováveis como a solar e a eólica.

Várias crises se instalaram no setor energético no mundo ao longo dos anos, sejam elas de origem técnica ou estrutural, já mostrando uma deficiência na dependência das fontes não renováveis; ou crises provenientes do apelo do discurso ambiental através da percepção da degradação do meio ambiente causada pelas fontes de energia até então utilizadas em larga escala.

Há uma mudança que cada vez mais se solidifica na questão energética mundial e que reflete no Brasil. A escassez das fontes fósseis e o problema ambiental estão levando à busca de alternativas que, se não são capazes de substituir os elementos ainda dominantes, ao menos se integram cada vez mais à matriz energética.

Dentro do leque de opções de energias limpas, houve um notável crescimento do mercado eólico no mundo a partir dos anos noventa. Em estudo, a Associação Internacional de Energia (IEA) estima que a geração de eletricidade a partir de energia eólica passará de 0,3% da matriz, no ano de 2002, para 3% em 2030.

Já de acordo com a Associação Mundial de Energia Eólica (WWEA), a potência instalada no mundo chegou a 196,6 mil megawatts (MW), podendo representar já 2,5% do consumo de eletricidade mundial. O crescimento na América Latina chegou a um total de 476 MW de capacidade, enquanto no Brasil foram instalados 320 MW, sendo que o mercado cresceu 77% no ano de 2010 no país, que tem forte tradição na hidroeletricidade¹.

¹ Dados do Portal Brasileiro de Energias Renováveis. Disponível em: http://www.energiarenovavel.org/index.php?option=com_content&task=view&id=704&Itemid=310

Esses dados, atrelados à atual imagem da Bahia dentro desse processo, mostram mais uma mudança de paradigma quando se pensa no setor energético brasileiro. Vários empreendimentos eólicos se materializam no Estado, sejam parques de produção de energia eólica ou fábricas de equipamentos eólicos.

Uma análise desse processo se mostra de fundamental importância pela sua promessa de transformação da relação do homem com a natureza gerando uma energia limpa e prometendo baixos impactos ambientais, além de garantir uma transformação social na vida dos cidadãos de baixa renda, considerando que o mercado eólico, para se estabelecer, precisa de obras de infraestrutura, instalação de fábricas, e, também na microeconomia, arrendamento de terras, etc., gerando emprego e renda.

A mídia tem dado destaque a esse assunto de forma corriqueira, sem maiores aprofundamentos e ressaltando apenas o aspecto economicista. Falta tentar entender se esse empreendimento, que até então é visto como um projeto que só tem benefícios, realmente atinge a população mais necessitada ao invés de ficar concentrado em pessoas de maior poder aquisitivo. Não se aprofunda na questão social, não se investiga quem são os produtores rurais, ou não, que arrendam terras para as empresas produtoras de energia eólica. Diante das limitações da mídia cotidiana, a questão ambiental fica em segundo plano, deixando de lado também o viés formativo e educacional.

Uma grande reportagem televisiva dá maior acessibilidade para o público em geral conhecer melhor um tema que já se faz presente nas comunidades, instruindo as pessoas para avaliar as circunstâncias que as rodeiam. Um formato que, se valendo da objetividade, atinge mais diretamente o público de forma simples.

2. Justificativa

Desde 2002, quando teve início o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (PROINFA) pelo governo federal, há um crescente interesse pela instalação de parques de energia eólica no estado da Bahia. No mês de julho de 2011 houve a inauguração, na cidade de Camaçari, da Gamesa, fabricante de equipamentos para parques de energia eólica, representando um investimento de R\$ 100 milhões no estado. Algumas empresas de energia eólica, a exemplo da Casa dos Ventos, desenvolvem estudos e medições do vento em diversas regiões da Bahia, participando posteriormente dos leilões que outorgam a essas empresas o direito de explorar a energia eólica.

Diante disso, vários parques estão em processo de implantação, tendo dois já inaugurados nos municípios de Brotas de Macaúbas, Caetité, Guanambi e Igaporã. Entretanto, indo em contrário a esse movimento que inseriu o Estado nessa lógica de desenvolvimento energético, voltado para o investimento eólico, haja vista a publicidade que o governo dispensa em relação a essa fonte energética, percebe-se também a ausência do próprio Estado para que o empreendimento tenha efetividade. Em meio a isso, as obras de construção das linhas de transmissão, que são de responsabilidade da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), estão em atraso há dez meses, a contar da inauguração do primeiro parque eólico da Bahia.

A esse processo de desenvolvimento desse novo recurso energético vem atrelada a necessidade de se discutir a forma como vem sendo explorado e como o cidadão foi ou será incluído nessa cadeia de implantação.

Muitos discursos se fazem presentes, e por meio de diversos interesses, ao longo de todo o processo de instalação dos parques eólicos. Políticos locais, proprietários de terra e governo defendem a instalação do novo recurso sob diversos prismas, inclusive utilizando-se do ambiental. A discussão sobre o tema é importante ao considerarmos como o cidadão comum, pequeno produtor rural, está inserido nessa questão, e para vermos como está sendo feito o uso social desse empreendimento por parte dos poderes locais, levando em conta as configurações sócio-políticas de Miguel Calmon, pequena cidade do interior baiano.

Uma grande reportagem televisiva é um ambiente propício para discutir o tema, pois podemos abordar as diferentes versões dos personagens envolvidos na ação, tentando utilizar dessa forma uma das características de um jornalismo objetivo: a diversidade de fontes.

O formato escolhido foi considerado também por ser um importante instrumento de conscientização política e social, pois a televisão é um meio fundamental de formação de opinião no Brasil. O brasileiro é praticamente alfabetizado pela TV antes da escola, e tudo o que “existe” retoricamente passa pela televisão. Os grandes assuntos ainda são discutidos na videosfera.

A escolha do produto se deu também por motivação pessoal no instante em que há uma identificação com a linguagem audiovisual, tendo trabalhos em vídeo realizados em estágio, nos quais predominava as rotinas produtivas que envolvem a produção de uma matéria jornalística de TV e WEB TV. O percurso na universidade, tendo cursado disciplinas que focalizaram a televisão brasileira e também o jornalismo ambiental ajudaram a definir os parâmetros desse projeto. Por outro lado, a falta de aprofundamento nas questões do jornalismo ambiental ou científico durante o curso se configurou como um desafio.

3. Objetivos

3.1 - Geral

Produzir uma grande reportagem televisiva, tendo como foco o atual interesse de municípios do interior da Bahia, especificamente Miguel Calmon, na região da Chapada Diamantina, com a instalação da energia eólica, assim como informar o público sobre os impactos que esse novo mercado de energia incidem sobre a população e economia locais, mostrando a diversidade de interesses e usos que estão sendo feitos pelos atores sociais em contraponto com o envolvimento do cidadão comum.

3.2 – Específicos

- Experimentar características da linguagem jornalística, tendo como pauta questões referentes ao meio ambiente;
- Desenvolver formas de aprofundar nos assuntos referentes à reportagem como um meio de atender as necessidades informativas e formativas;
- Produzir informação sobre a energia eólica e sua contextualização no Brasil e no estado Bahia;
- Demonstrar, através da diversificação de fontes, os interesses envolvidos na instalação de um parque eólico na cidade de Miguel Calmon e região;
- Investigar a relação entre o empreendimento da energia eólica e a transformação social do cidadão através da geração de emprego e renda.

4. Aspectos Teóricos

4.1 – A Grande Reportagem em Televisão

Ao contrário da desintegração de toda e qualquer unidade ou homogeneidade discursiva falada por Arlindo Machado (1990, p.17) sobre a videoarte, uma reportagem em vídeo, que tem um tempo específico de apreciação, precisa seguir certo raciocínio lógico para haver entendimento do espectador, enquanto inserido num contexto informativo. Esse projeto não se destina a se afastar de qualquer tipo de realismo em seu produto final. Baseado na informação, ele dispensa as circunstâncias que definem e caracterizam a ficção como a simulação, apresentação de atores ou construção de cenários.

Os produtos televisivos hoje são caracterizados pela lógica do entretenimento, colocando cada vez mais a informação em segundo plano, e privilegiando aspectos industriais e econômicos que buscam simplesmente entreter as pessoas, lançando mão principalmente de recursos da ficção. Um exemplo disso é o “jornalismo reality show”, em que até mesmo o repórter vira notícia. Vista como uma forma do indivíduo manter contato com o mundo exterior, na abordagem de Machado, a televisão e seus produtos não devem se eximir de explicitar questões que implicam e afetam diretamente a vida cotidiana do cidadão.

Partindo de considerações de Raymond Williams, Machado (1990, p.17) define o sujeito pós-revolução industrial como um ser isolado no “conforto do lar” com seus produtos de utilização doméstica e individual e fala da condição do telespectador nesse contexto:

O novo consumidor de bens materiais, que aparece claramente definido nos anos 20 e que participa da eficiência do lar privatizado, encontra nos serviços de radiodifusão a ‘janela’ necessária para o contato (simbólico) com o exterior: já que ele não vai mais ao mundo, o mundo penetra em sua casa através da mediação do rádio (e mais tarde da tevê) (MACHADO, 1990, p. 17).

Segundo Maciel (1995, p.60 apud THOMAZ, 2007, P.74), “a reportagem é a forma mais completa de se apresentar uma notícia na televisão”. Seus elementos englobam os vários recursos utilizados na linguagem do noticiário da TV: o apresentador, o repórter, os entrevistados, o texto e, claro, a imagem. Apesar de a reportagem ser definida como um levantamento em profundidade dos fatos (CUNHA, 1990 apud THOMAZ, 2007, p.74), ainda há a grande reportagem, que vai além do factual e faz uma interpretação mais ampliada do acontecimento.

Na grande reportagem há uma abordagem múltipla do fato, apresentando suas variadas faces e versões, com a contextualização do fenômeno, participação de especialistas, exemplificação através de exposição de realidades particulares na população, presença de especialistas que ajudam a fazer uma leitura do evento. Além disso, ainda há espaço para uma projeção, tentando uma precisão nas possíveis consequências futuras.

Ao falar de gêneros, Cristina Teixeira Vieira de Melo (2002, p.7) aponta o documentário como uma representação do real. Partindo dessa premissa, desenvolvemos um trabalho fundamentado na informação da realidade (em contraponto com a ficção), mesmo que essa realidade seja definida como apenas um recorte do real.

Em alguns produtos é complicado definir os limites entre o que é documentário e ficção. Mesmo que este trabalho não tenha pretensões de se formatar em um documentário, ele se vale de um caráter documental e, para isso, pega de empréstimo características deste gênero, como o trato com a realidade das informações e a busca por fontes que vivenciem os fatos.

Melo (2002, p.7) elenca ainda alguns pontos que marcam a narrativa do real como a denotação de factualidade do discurso como a presença do repórter na tela para marcar a maior aproximação do jornalista com o fato enquanto ele acontece, conferindo maior credibilidade, e, portanto, maior comunicabilidade com o público. Outro ponto é a diversificação de vozes para destacar as diferentes versões do fato. Utilizamos isso como uma tentativa de objetividade do jornalismo.

Na verdade, essa visão objetiva nada mais é que a visão da classe dominante, insistentemente difundida pelos meios de comunicação de massa. Assim, o discurso jornalístico procura sobrelevar o fato e não o ponto de vista. No entanto, essa postura, essa atitude de tentar apagar-se revela, em si mesma, um ponto de vista: esconder o papel legitimador da hegemonia (MELO, 2002, p. 7)

O documentário, por seu porte, geralmente não pode ser acondicionado nas grades televisivas, ficando por conta da reportagem jornalística se aproximar da linguagem documental, se valendo da diversificação de fontes e utilizando uma gramática própria do cinema, mas desenvolvida no formato para TV, a qual exige principalmente o tempo como maior credor no modelo de televisão comercial presente no Brasil.

Além disso, a reportagem telejornalística é construída a partir de rotinas produtivas próprias que estabelecem uma relação diferenciada com a transmissão da informação. A seleção de imagens, sonoras e efeitos audiovisuais, feita pelo jornalista orienta a subjetividade do produto, assim como norteia a forma como a informação é transmitida. Por exemplo, o fato sendo mostrado in loco pelo repórter tem uma dimensão de percepção diferenciada pelo público de quando ele é narrado por um apresentador sem imagens.

Abordar temas ambientais no jornalismo pede uma explicação dentro da linguagem jornalística sobre os assuntos, conceitos e termos científicos. É necessária, portanto, uma explicação ou contextualização sobre energia, energia renovável e eólica dentro do contexto ambiental que o mundo, destacando o Brasil, chegou até a constatação da necessidade de se pensar em fontes de energia limpa.

Falar das instalações de parques eólicos num município do interior da Bahia e os usos (material ou simbólico) que os personagens sociais fazem disso requer um posicionamento crítico do jornalismo, pois, como afirma Cilene Victor (2009), o jornalismo que se pretende tratar de assuntos ambientais, deve ter uma atitude crítica diante de possíveis riscos de manipulação da sociedade. Vários personagens foram evocados a falar sobre o assunto na reportagem como representantes de empresa, governo, pessoas que arrendaram (ou não) suas terras. Também se fez de igual importância a presença de especialistas que expusessem ideias sobre este processo,

vinculadas aos diversos temas como economia, política, cidadania e desenvolvimento sustentável. A seguir, uma lista das fontes utilizadas na reportagem e seus lugares de fala:

- Kleber Mota: desenvolvedor da empresa Casa dos Ventos em Miguel Calmon. Na época das filmagens ele era vereador e candidato a vice-prefeito na cidade. Ele desenvolveu a fase de regularização fundiária junto aos possíveis arrendantes de terra.
- Zenilda Miranda: professora aposentada e proprietária de terra arrendada para empresa Casa dos Ventos.
- Djalma Correia: produtor rural e comerciante, proprietário de terra arrendada.
- Lucimar Santana: lavradora e proprietária de terra arrendada. Pratica agricultura de subsistência.
- Manoel Dantas: comerciante e proprietário de terra que escolheu não arrendar para a empresa.
- Almacks Silva: socioambientalista que defende a ideia de que os projetos causam certo impacto no meio ambiente e na população. Atua na região da Bacia do Salitre.
- Caiuby Alves: professor pesquisador da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua em linhas de pesquisa como Eficiência Energética, Energia e Meio Ambiente e Fontes Alternativas de Energia.
- Gilson Moraes: diretor de energia da Secretaria Estadual de Infraestrutura (Seinfra).

4.2 Desenvolvimento das Energias Renováveis

Alguns teóricos definem energia como a capacidade de realizar trabalho. Uma rápida observação no atual estágio do desenvolvimento do homem nos leva a pensar na importância da energia para se chegar a tal patamar de evolução. O organismo do homem, para sobreviver, necessita de uma quantidade mínima de energia, vinda basicamente dos alimentos que consome. Porém, o alto grau de desenvolvimento

tecnológico exigiu do ser humano o aperfeiçoamento e melhor utilização das fontes da energia necessária para suprir a demanda que máquinas e inventos, que foram agregando-se à vida humana, precisam para seu funcionamento.

Desde o fogo, que o homem primitivo utilizava para se aquecer e processar o alimento, as fontes de energia foram se diversificando, passando pela tração animal, a força da água, dos ventos, a descoberta de combustíveis fósseis, como exemplo o petróleo e gás natural, e o desenvolvimento da energia nuclear e da biomassa.

A utilização de energia em larga escala trouxe um ônus para o meio ambiente. A partir da Revolução Industrial, houve uma utilização em massa das fontes de combustíveis fósseis, que tem por consequência a produção de gases como o gás carbônico que causam o efeito estufa, aumentando a temperatura do planeta. A preocupação com a finitude desse tipo de fonte, pois é não renovável, aliada aos efeitos nocivos que produz no meio ambiente, levou a uma busca pelas fontes de energia renováveis. Para o físico José Goldemberg (2008, p.173) “a produção de energia convencional e o seu consumo estão intimamente relacionados com a degradação do meio ambiente”.

A constatação dos graves problemas relativos ao aumento da poluição ambiental e da temperatura terrestre, divulgados através dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), mobilizaram os governos de muitos países e os levaram a ações como a Convenção do Clima aprovada em 1992 na Conferência do Rio, que resultou no Protocolo de Quioto em 1997. Através desse tratado internacional, os países se comprometeram a reduzir a emissão de gases que agravam o efeito estufa. A respeito disso, Goldemberg acha que:

A redução pode ser conseguida através do... aumento da utilização de fontes de energias renováveis, que incluem biomassa, solar, eólica, geotérmica e hidrelétrica, e que, permitem emissões nulas (ou quase nulas) de gases do efeito estufa, além de reduzir as outras emissões poluentes; (GOLDEMBERG, 2008, p. 179).

Goldemberg ainda frisa que projetos de grandes hidrelétricas também apresentam problemas ambientais como inundação de grandes áreas, assim como as usinas nucleares que, além de não ter solução para o aumento da disposição de lixo, passa por uma crise que definitivamente a inviabiliza.

Um ponto a ser observado é a diferenciação entre energia renovável e energia limpa, assim como o conceito de energia alternativa. Energia renovável é aquela oriunda de fontes que naturalmente se renovam na natureza, como as águas, ventos, árvores, etc. Portanto, como frisa Custódio (2009, p.234), “nos combustíveis fósseis renováveis está computada a lenha, que, por óbvio, não é uma fonte ambientalmente limpa”. Ainda se emprega o termo energia alternativa para aquelas fontes que são renováveis e também limpas, as quais começaram recentemente a serem mais exploradas, grupo no qual está a energia eólica (CUSTÓDIO, 2009, p. 235). As fontes de energias não renováveis são definidas por Gilberto de Martino Jannuzzi e Joel N. P. Swisher como as que possuem um tempo de reposição natural muito grande, séculos ou milênios, e sob condições muito particulares, citando como exemplo o petróleo (JANNUZZI E SWIHER, 1997, p. 9).

O Brasil foi um dos países que apresentaram propostas de aumentar a participação das energias renováveis limpas na matriz energética mundial na Conferência de Johannesburgo em 2002, recebendo amplo apoio apesar do bloqueio dos Estados Unidos e países produtores de petróleo em adotar tais medidas. Segundo o professor da Escola Politécnica da UFBA, Ednildo Torres, as energias renováveis representam atualmente 45% de toda energia consumida no Brasil, considerando alguns aspectos como a tradição em hidroeletricidade para geração elétrica e o uso de biocombustíveis com ênfase no etanol.

A partir desse cenário, começa-se a perceber, até mesmo em empresas com tradição de exploração de combustíveis fósseis, um aumento nos investimentos na produção de energias limpas como a energia eólica, a qual Goldemberg se refere como uma das alternativas que “estão deixando de ser objeto de pesquisas tecnológicas e estão entrando no mercado e competindo com as formas convencionais de energia”. Isso, tendo em vista que o Plano de Ação da Conferência de Johannesburgo incluía não só a estratégia de redução nas emissões, mas geração de empregos e redução da pobreza.

4.3 Energia Eólica na Bahia

Os ventos são um fenômeno causado pelo aquecimento desigual da atmosfera terrestre, fazendo com que os gases se movam formando os fluxos de vento. A utilização dos ventos como força motriz foi uma das primeiras fontes naturais de energia a serem utilizadas para bombear água e na moagem de grãos. Os cata-ventos foram muito utilizados na Europa, tornando-se símbolo de países como a Holanda, onde foram amplamente difundidos. Com o surgimento da máquina a vapor na Revolução Industrial (final do século XIX), o uso da energia eólica caiu em detrimento da nova tecnologia, a máquina a vapor.

O início da geração elétrica através dos cata-ventos foi no final do século XIX, pela iniciativa do industrial Charles F. Brush, tendo seus equipamentos funcionando por 20 anos, até 1908. Na Rússia, aconteceram os primeiros desenvolvimentos dos aerogeradores na década de 1930.

Os aerogeradores tiveram certo desenvolvimento até a descoberta de novas reservas de combustíveis fósseis. Mas na Segunda Guerra Mundial, com o intuito de economizar combustível, alguns países voltaram a investir nos aerogeradores. Mas o setor de energia eólica nos Estados Unidos se desenvolveu mesmo depois da crise energética de 1973, com a ausência do petróleo imputada aos países árabes (HINRICHS, KLEINBACH).

A partir da década de 1980, incentivos fiscais e medidas de governo facilitaram o desenvolvimento comercial da energia eólica que teve retração novamente no fim da década, devido à queda nos preços do petróleo, aumento da oferta de gás natural e fim dos incentivos fiscais. (HINRICHS, KLEINBACH)

As energias renováveis e limpas entrariam para a pauta política definitivamente no início da década de 1990 com as avaliações científicas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). As questões ambientais impulsionam, dessa forma, setores como a energia eólica, apostando no investimento dos países comprometidos politicamente com a redução da emissão de carbono na atmosfera.

O Brasil, com sua posição privilegiada na produção e consumo de fontes energéticas renováveis, devido principalmente à hidroeletricidade, reafirma seu posicionamento no contexto de proteção ambiental ao apostar ainda mais nas fontes limpas, como eólica e solar. Em 2002, o Governo Federal cria o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (PROINFA), gerido pelas Centrais Elétricas Brasileiras (Eletrobrás) e com o:

objetivo de aumentar a participação de energia elétrica produzida por empreendimentos concebidos com base em energia eólica, biomassa e pequenas centrais hidrelétricas (PCH) no Sistema Elétrico Interligado Nacional. (Site do Ministério de Minas e Energia)

O programa, que é uma tentativa de diversificar a matriz energética brasileira, seguiu com amplo desenvolvimento do setor eólico. Mas foi em 1992 que foi instalado o primeiro aerogerador no Brasil, em Fernando de Noronha. Num cenário que se modifica num curto espaço de tempo devido a sua dinâmica atual, o país apresenta 967 aerogeradores instalados em 71 parques².

A energia eólica é a fonte energética renovável que está ganhando maior destaque nos últimos anos. Em prefácio do livro *Energia Eólica para produção de energia elétrica*, (CUSTÓDIO, 2009, p.13), o diretor de engenharia da Eletrobrás, Valter Cardeal de Souza, afirma que isso se deve pelo seu elevado estágio de maturidade internacional e pela facilidade e agilidade de instalação. Aliado a isso, ele ainda enxerga uma tendência de redução real de custos do empreendimento.

Além de representar uma saída para a redução de emissão de gases do efeito estufa, a energia eólica ainda aponta mudanças positivas no aspecto social, não sendo necessário fazer desapropriações de áreas como nas usinas hidrelétricas, havendo, além disso, compatibilidade entre a produção de eletricidade e o uso da terra para a pecuária e agricultura. Os impactos ambientais apresentados pela produção de energia eólica são menores em relação às fontes convencionais. Alguns deles são o impacto visual,

² Dados retirados da reportagem “Brasil ocupa 21º posição no ranking de países produtores de energia eólica”, exibida no Jornal da Globo, Rede Globo, veiculada no dia 24 de maio de 2012.

emissão de ruído e interferência sobre aves que podem colidir com as torres, principalmente em casos nos quais a fazenda eólica se situa em áreas de migração de espécies. Entretanto, são fatores considerados de baixíssimo impacto quando relacionados com outras formas de produção energética.

Outro ponto a ser observado são os parâmetros necessários ao projeto de um parque eólico. Ronaldo Custódio (2009, 248) os enumera, a saber: a) estudo do terreno e sua influência no comportamento do vento; b) estudo do vento; c) estudo da disposição dos aerogeradores na fazenda eólica; d) estudo da conexão da fazenda eólica na rede elétrica. De outro lado, a metodologia para os projetos leva em conta questões como a escolha do local para a implantação do parque, escolha de aerogeradores e a definição de suas disposições no terreno, predição da energia gerada, assim como um estudo de viabilidade econômica do projeto, entre outros.

Um ponto inexistente nessa metodologia no uso dessa fonte é o impacto social que um projeto desses pode ter sobre a realidade local. Quanto de transformação social e aumento de qualidade de vida podem ser observados num empreendimento eólico? Esse questionamento é necessário para que o projeto do parque eólico não seja um ótimo negócio apenas para poucos escolhidos.

A Bahia, assim como o Brasil, tem forte tradição na produção e conseqüente consumo de energia limpa, que se materializou nos diversos projetos de hidrelétricas ao longo do percurso do Rio São Francisco. O último grande projeto de geração hidráulica que o Estado recebeu foi a usina hidrelétrica de Itapebi, no sul da Bahia, no início dos anos 2000. A Bahia passou a contar também com a geração de energia oriunda da biomassa, com empresas trabalhando com papel e celulose e depois com bagaço de cana, principalmente na região de Juazeiro, ao norte do estado.

A despeito do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas (PROINFA), iniciado em 2004, a Bahia só vai conseguir seu primeiro projeto eólico em 2009, quando a concessão de exploração desse tipo de fonte energética ganha o formato de leilão. Nesse mesmo ano, o estado baiano consegue ter dezoito projetos contratados.

A partir daí, o governo começa a observar as características dos projetos eólicos baianos, uma delas, a questão de estarem presentes no interior do estado, em zona de semiárido. E com isso, passa a pensar em uma estrutura para dar apoio ao

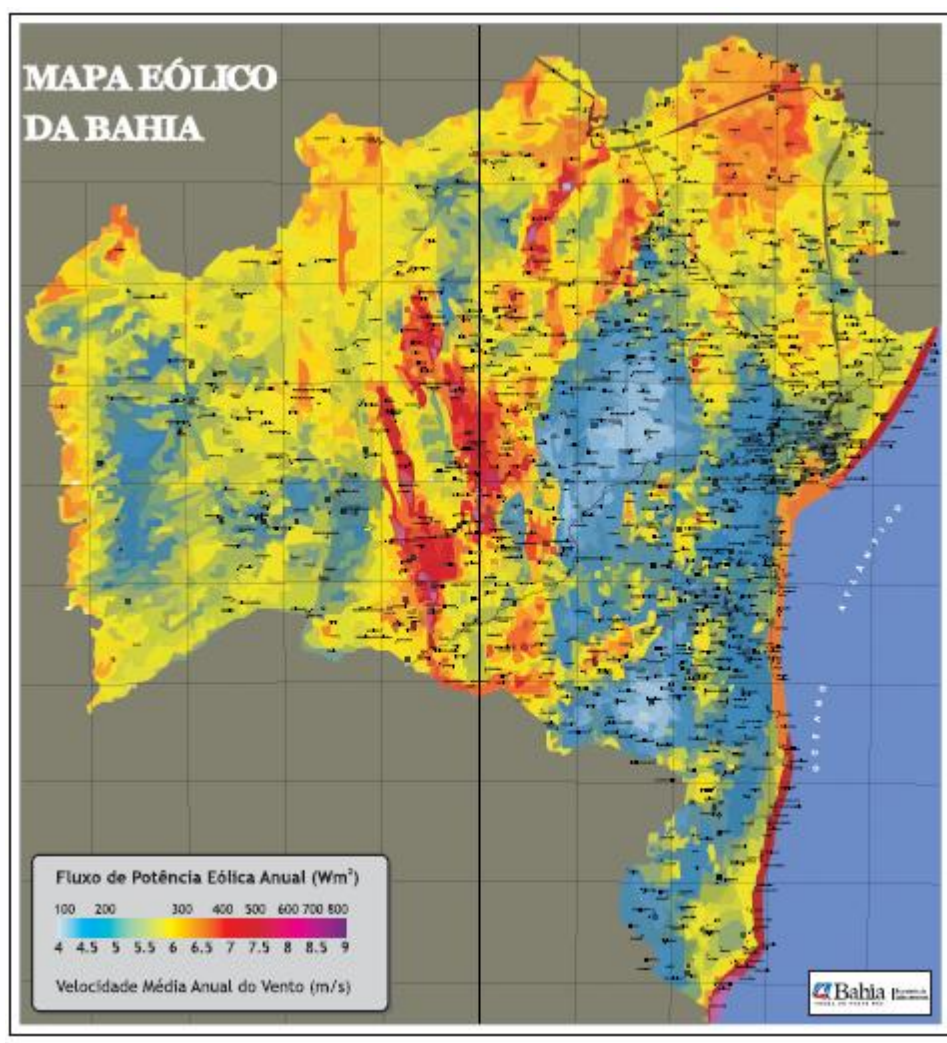
desenvolvimento desses projetos. É criada então em outubro de 2010, a Câmara Transversal de Energia, ligada à Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, para dar suporte a esses empreendimentos.

Em julho de 2010, mais 16 projetos são contratados na Bahia, fechando o ano com 34 projetos eólicos. No ano de 2011, o Estado negocia mais 23 projetos, contabilizando atualmente 57 empreendimentos em energia eólica nos diversos estágios de implantação. No Estado, existem projetos de parques eólicos em implantação em oito municípios: Caetité, Igaporã, Morro do Chapéu, Brotas de Macaúbas, Casa Nova, Sobradinho, Pindaí e Guanambi. Em outros municípios como Jacobina e Miguel Calmon, os projetos estão em fase inicial, quando se desenvolvem estudos de medição do vento e audiências públicas com a população local.

Em julho de 2012, foi inaugurado o primeiro complexo eólico da Bahia, o Complexo Eólico Alto Sertão I, da empresa Renova Energia, compreendendo as cidades de Caetité, Igaporã e Guanambi. Outro projeto, na cidade de Brotas de Macaúbas (Chapada Diamantina), também foi inaugurado em setembro de 2012. Porém, esses empreendimentos já concluídos ainda não podem ter sua produção aproveitada, pois as obras da subestação e das linhas de transmissão que conduzirá a energia elétrica ao Sistema Interligado Nacional (SIN) não foram concluídas. O estado, atualmente, tem uma capacidade instalada³ de 1.000 MW, com uma previsão de 1.500 MW em 2014. Com isso, há a promessa de que cerca de 10% da matriz energética baiana será proveniente da fonte eólica.

No mapa a seguir são observadas as regiões com potencialidade eólica na Bahia:

³ A capacidade instalada é diferente da geração em si. A geração é produção de energia já em desenvolvimento. A capacidade instalada é apenas um índice, baseado na quantidade de MW comercializado.



Em entrevista, o secretário executivo da Câmara de Energia, Rafael Valverde, afirma que para o governo, o investimento em eólica na Bahia é muito mais importante pelo lado social do que pelo próprio lado da produção de energia. “O grande potencial eólico na Bahia está na região do semiárido e os projetos envolvem arrendamento de propriedades, investimento em benfeitorias nos municípios, geração de emprego e renda nas próprias cidades e distritos aos quais eles estão associados”, afirmou Valverde.

Outro aspecto bastante ressaltado pelos defensores da geração de energia eólica na Bahia é a complementaridade entre as fontes energéticas reveladas após observações e estudos, que perceberam que o regime de ventos complementa o regime de cheias dos rios, principalmente a bacia do Rio São Francisco. Ou seja, quando se verifica que há uma menor incidência de chuvas, há um maior volume de ventos. Essa característica se mostra bastante motivadora aos empreendimentos, considerando os longos períodos de

estiagem pelos quais passa as regiões que tem projetos eólicos, que se concentram em áreas do semiárido, revelando, dessa forma, uma potencialização do apelo social pelo Estado, do projeto de implantação de energia eólica na Bahia.

O município de Miguel Calmon, emancipada do município de Jacobina em 06 de agosto de 1924, pela Lei Estadual nº 1726, se estabelece na região econômica do Piemonte da Chapada Diamantina, no centro-norte baiano, e constitui um território composto por morros, serras, outeiros e piemontes.

Serras principais: Serra da Jaqueira, Serra do Campo Limpo, Serra do Ouro ou Branca, Serra das Almas, Serra do Xavier, Serra da Sapucaia, Serra do Moinho, Serra do Cristal e Serra da Palmeira. Morros: João Sabino, Morro Vermelho, Morro Redondo, Morro Santa Cruz, Morro Grande, Morro do Eraldo e Morro de Zé Severo. (CARVALHO, VILARONGA, 2007, p. 155)

Essas formações de relevo são as mais buscadas pelas empresas de energia eólica para implantar seus projetos, devido à abundância do regime de ventos nas altas altitudes. Em entrevista, o desenvolvedor da empresa Casa dos Ventos no município de Miguel Calmon, Kleber Mota, relatou que o interesse da empresa pela região se deu quando um de seus funcionários, em passagem pela região, percebeu que as árvores cresciam pendidas para um lado pelo efeito da força dos ventos.

O município, que tem uma população aproximada de 27 mil habitantes distribuída de forma equilibrada entre zona urbana e rural, está totalmente incluído no “Polígono das Secas”. Segundo o livro *Retrato de Miguel Calmon: análise geral do município* (CARVALHO; VILARONGA, 2007), o município está “enquadrado como de alto risco de seca”, passando por longos períodos de estiagem. Com a construção da Barragem do França, esses períodos foram amenizados para a população urbana.

A economia do município é basicamente sustentada pela agricultura e pecuária. Seu comércio e indústria existem em pequena escala, além da presença do extrativismo. A dependência do setor agropecuário se faz sentir em períodos de seca, quando o comércio, que já não tem grande dinamismo, sofre ainda mais na estiagem,

considerando que o setor é composto pela feira livre da cidade aos sábados, quando se dá a maior movimentação econômica na cidade.

A chegada da empresa de energia eólica Casa dos Ventos foi divulgada, principalmente por políticos, como uma oportunidade de geração de emprego e renda na cidade. Não só através do arrendamento de terras para a empresa, mas também nas obras de construção do parque eólico, o que teria um caráter provisório. Atualmente, o processo de implantação do parque está na fase final de estudos, quando é definido o potencial dos ventos na região e quantas torres com aerogeradores podem ser instaladas. A parte de negociação e regularização fundiária já foi terminada e está aguardando o governo federal abrir novos leilões de energia eólica para que seja adquirida a concessão de exploração.

5. Etapas de produção

5.1 Pré-produção

O início deste trabalho se deu com a definição do tema e linguagem a serem desenvolvidos. O “boom” da energia eólica no Brasil e na Bahia foi sendo cada vez mais pautado na grande mídia, geralmente dentro da editoria de economia. O interesse pelo telejornalismo se deu, sobretudo, através da disciplina Oficina de Telejornalismo, sendo desenvolvidas posteriormente atividades de estágios em empresas produtoras de vídeo para websites.

Para realizar o trabalho pretendido, houve a necessidade de se fazer uma pesquisa de pré-produção sobre o tema energia eólica e as suas implicações sobre o cenário energético nacional, estadual e na cidade de Miguel Calmon, interior da Bahia. Num primeiro momento, foram pesquisados estudos teóricos sobre energia e energia eólica, o que foi feito com dificuldade, pois o tema carece de análises menos técnicas e que aprofunde seu efeito social. Além disso, foi feito um levantamento de dados sobre as ocorrências de parques eólicos através de órgãos oficiais e na grande imprensa. Ao

mesmo tempo, já pode ser feito o levantamento de possíveis fontes para a reportagem a ser desenvolvida posteriormente.

A pesquisa foi feita em artigos acadêmicos; sites oficiais de órgãos governamentais ou científicos como o Centro de Referência para Energia Solar e Eólica (CRESESB), o Portal Brasileiro de Energias Renováveis, site da ANEEL, da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE); leitura detalhada do PROINFA, Lei nº 10.848, que dispõe sobre a comercialização de energia elétrica; sites e revistas especializados em pesquisa científica; acompanhamento diário dos noticiários jornalísticos, principalmente o Correio* e A Tarde; além de entrevistas informais com o professor da Universidade Federal da Bahia, Ednildo Torres, do então Coordenador da Câmara de Energia, setor da Secretaria Estadual de Infraestrutura, Indústria, Comércio e Mineração (SICM), Rafael Valverde e de Kleber Mota, representante da empresa Casa dos Ventos, em Miguel Calmon.

Já feito um reconhecimento de campo, a fim de conhecer melhor a realidade a ser observada na cidade de Miguel Calmon, houve também uma busca por fontes que poderiam dar informações sobre o contexto histórico/energético da cidade, sobre o desenvolvimento dos projetos dos parques para esclarecimento tanto no domínio ambiental quanto do âmbito de medida de governo, além de conhecimentos técnicos sobre a implantação dos parques.

A próxima etapa do trabalho foi a elaboração de roteiros de entrevista, os quais levaram em consideração toda a pesquisa realizada tanto sobre a linguagem, quanto sobre o tema e produto de investigação jornalística, previamente pesquisado.

5.2 Gravação

O processo de filmagens começou no dia 09 de julho de 2012, quando foi inaugurado o primeiro parque eólico no estado da Bahia, em Caetitê. Lá, foram permitidas imagens do evento, do parque, além da gravação de uma passagem, aproveitando o cenário. A partir daí, foram intensificados os contatos com as fontes da cidade de Miguel Calmon. Primeiro com Kleber Mota, desenvolvedor responsável pela empresa exploradora de

energia eólica Casa dos Ventos. Foi através dele que aconteceu o contato com pessoas que arrendaram suas terras para a empresa cumprir a etapa de medição dos ventos e aferir a capacidade eólica da região. Chegamos aos nomes de Zenilda Miranda, Djalma Correia e Lucimar Santana.

Durante as gravações na cidade, que aconteceram nos dias 27 e 28 do mês de agosto, foi encontrada uma pessoa que escolheu não arrendar suas terras, o feirante Manoel Dantas. Foram feitas imagens da cidade, da zona rural compreendendo as terras onde a empresa atua, além de mais uma passagem. O prefeito, devido à agenda da campanha política, não foi encontrado para entrevista. Durante a estada na cidade, tentamos entrevista com um responsável por um projeto na cidade vizinha de Morro do Chapéu, mas não tivemos êxito.

A escolha por uma grande reportagem nos levou a buscar uma diversificação de fontes. Posteriormente, em novas pesquisas, foram encontrados os nomes do professor da Escola Politécnica da UFBA, Caiuby Alves, e do socioambientalista Almacks Silva, que cedeu entrevista no dia 16 de dezembro. Em 10 de janeiro, foram gravadas as entrevistas do professor Caiuby e de Gilson Moraes, diretor de Energia da Secretaria de Infraestrutura (Seinfra).

5.3 Edição e Roteiro

Após a conclusão das entrevistas, foi dado início ao processo de decupagem do material, excluindo aquilo que não tinha qualidade técnica para ser utilizado e posteriormente feita a decupagem das falas das fontes em conjunto com a elaboração do roteiro. Essa etapa compreendeu ao trabalho de dar ordem ao material coletado, tanto em entrevistas como em imagens. Após um processamento das informações adquiridas, um esboço do produto já pôde ser delineado para formatar a reportagem através do tratamento das fontes. Cilene Victor (2009), ao defender a posição do jornalista na matéria, afirma que ele deve saber trabalhar suas fontes, sabendo distinguir opinião e interpretação, por exemplo.

“Para escapar da dependência da fonte, e por sua vez, da reprodução de um discurso hegemônico da ciência, o jornalista tem de aparecer mais na matéria, sem provocar tensão diante da tênue fronteira entre a opinião e a interpretação. O jornalista deve, portanto, distanciar-se do jornalismo declaratório e passar a interpretar os fatos, o contexto social, político, cultural e ideológico no qual se encontra o objeto da notícia.” (VICTOR, 2009, p. 29).

A princípio, foram destacados os eixos temáticos para compor a reportagem. Essa ordem ficou compreendida com os assuntos a serem apresentados: energia, fontes renováveis e não renováveis, energia eólica, histórico brasileiro de energia limpa e eólica, contexto baiano da energia eólica e contexto local em Miguel Calmon.

No dia 23 de fevereiro, fizemos a gravação da apresentação da reportagem e foi feito o “esqueleto” do vídeo. Nesse dia se deu a primeira edição da reportagem, trabalho realizado com Maurício Lídio, também cinegrafista da matéria, o que facilitou o trabalho, pois já sabíamos o material que tínhamos em mão. Outra coisa facilitadora foi o roteiro já com as sonoras decupadas e descrevendo em qual vídeo seriam encontradas e qual tempo seria utilizado. Nesse dia, tivemos em mãos a reportagem montada, mas não finalizada. Aqui ainda foi agregada à reportagem a música, a apresentação, a vinheta de abertura, as duas artes gráficas produzidas pelo designer gráfico Leonardo Ramos, infográfico mostrando a evolução da produção de energia eólica, e o mapa da Bahia dando uma dimensão da distribuição dos parques eólicos no estado. Além disso, também já foi colocada a base para o gerador de caracteres (GC), para identificar os entrevistados. Posteriormente, essa versão foi apresentada para a professora Simone, que fez correção sugerindo algumas mudanças.

5.4 Finalização

A finalização ocorreu no final de semana seguinte, 03 de março, depois de ter gravado o off definitivo nos estúdios da Rádio Facom. Foram feitos os ajustes finais, completando a identificação das fontes, e acrescentando os créditos finais. Por fim, o editor Maurício

Lídio ainda fez o tratamento das imagens, para balancear cores e outros aspectos do vídeo.

Todo o processo foi perpassado pela produção de um memorial, no qual constam implicações teóricas sobre o tema energia, mais especificamente sobre energia eólica, seu desenvolvimento no Brasil e na Bahia, assim como suas implicações no campo ambiental. Foi necessário ainda um contexto histórico e social da cidade de Miguel Calmon, ressaltando os fatos relacionados à geração de energia no local, assim como os procedimentos técnicos e reflexões teóricas para a obtenção da grande reportagem.

6. Considerações Finais

Fazer uma reportagem em vídeo se mostrou um desafio em vários aspectos. Desde a formação ainda falha, tendo em vista a estrutura do curso de Jornalismo e até mesmo a grade curricular, até a dura rotina produtiva desse formato que requer a presença do repórter no local dos acontecimentos. Dificuldade de pesquisas, ainda não tão exploradas, de recursos financeiros, de contatos com as fontes foram sentidos desde o início. Tentar abranger o maior número de fontes, por exemplo, foi complicado pela disponibilidade de pessoas envolvidas (repórter, cinegrafista, entrevistado).

Outro aspecto que complicou, mas ao mesmo tempo é o desafio de se fazer jornalismo, foi o estágio do empreendimento, pois o processo de instalação de parques eólicos na Bahia está apenas no começo e então surgem várias dúvidas, mostradas inclusive na reportagem, no momento que arrendantes de terra durante as entrevistas se questionam sobre as verdadeiras vantagens do negócio; ou até mesmo em off, quando se dirigiam a mim como se eu tivesse informações privilegiadas que pudessem lhes dar uma orientação. Construir uma reportagem jornalística, tendo como pano de fundo um tema dinâmico, em que as informações mudam num curto espaço de tempo é um desafio. Uma dúvida relevante fica suspensa: esse processo vai se mostrar vantajoso para quem? Será que para todos, baseados nos critérios de equidade?

Mas, fora isso, até mesmo as pesquisas desenvolvidas no campo acadêmico são extremamente pontuais, visão compartilhada pelo professor Caiuby Alves. Esses estudos ficam restritos às empresas exploradoras de energia eólica, sem muito acesso ao grande público.

A escolha por esse vídeo se deu, portanto, pela ideia de tornar ainda mais público o assunto que ainda é novo para nossa realidade e investigar, o quanto necessário, esse processo se torna inclusivo, no sentido de que todos na sociedade possam ter benefícios e não apenas uma pequena parcela política e empresarial. Daí, a preocupação em colocar no vídeo o depoimento de pessoas que estivessem implicadas na lógica social, mesmo que em suas diversas matizes dentro da sociedade.

Por fim, foi um momento desafiador para mim enquanto repórter, tendo em vista todas as limitações que o título “estudante” agrega durante a realização do trabalho. Foi enriquecedor descobrir esse tema junto com outras pessoas, e muito gratificante poder compartilhar.

7. Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto; Lima, Paul Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CARVALHO, Geferson; VILARONGA, Dalva. **Retrato de Miguel Calmon: análise geral do município**. Jacobina: I.A. Moreira Gráfica e Editora, 2007.

CUSTÓDIO, Ronaldo dos Santos. **Energia eólica para produção de energia elétrica**. Rio Janeiro: Eletrobrás, 2009.

GIRARDI, Ilza M. T.; LOOSE, Eloisa; NEULS, Gisele. **Jornalismo Ambiental e Científico na construção da cidadania**. In.: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone (Orgs.). *Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: All Print, 2009.

GOLDEMBERG, José. **O caminho até Joanesburgo**. In.: TRIGUEIRO, André (coordenação). *Meio Ambiente no Século 21.5ª edição*. Campinas: Armazém do Ipê, 2008.

GWEC, Conselho Global de Energia Eólica. **Análise do marco regulatório para geração eólica no Brasil**. Relatório. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.reeep.org/file_upload/7217_tmpphpUMf19A.pdf> Acessado em: 20 de setembro de 2011.

HINRICHIS, Roger A; KLEINBACH, Merlin. **Energia e Meio Ambiente**. 3ª edição. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MACHADO, Arlindo. **A Arte do Vídeo**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. 6ª edição. São Paulo: Moderna, 1988.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O Documentário como gênero audiovisual**. Salvador: 2002. 17 págs. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18813/1/2002_NP7MELO.pdf> Acesso em 19 abril 2011.

PITA, Fabiane. Os ventos da modernidade. **Bahia Oportunidades: informativo da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Governo da Bahia**. Salvador, BA, p. 06-33, set/out. 2011.

REGO, Kleber. Bahia terá o maior parque de energia eólica do Brasil. **Sfera**, Lauro de Freitas, BA, ano 1, n. 1, p. 18-21, 2011.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo Audiovisual: teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1971.

THOMAZ, Patricia. A Linguagem Experimental da Videoreportagem. 2007, 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, Universidade de Marília, Marília.

VICTOR, Cilene. **Sustentabilidade: pauta jornalística ou marketing verde?** In.: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone (Orgs.). **Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: All Print, 2009.

WATTS, Harris. **On Camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. São Paulo: Summus, 1990.

YORK, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1998.

8. Videografia

- Cidade de Chumbo
- Manguezais
- Estigma
- Como o banhista avalia a qualidade da água?
- Obra de usina está parada há 25 anos e R\$ 500 mil pode virar ferro velho
- Brasil ocupa 21^a posição no ranking de países produtores de energia eólica

9.2 Orçamento

MATERIAL/SERVIÇO	QUANTIDADE	VALOR
Cinegrafista	8 diárias	R\$ 640
Transporte/Passagens	-/4	R\$ 865
Hospedagem	1	R\$ 85
Alimentação	-	R\$ 100
Telefone	-	R\$ 80
Edição	-	R\$ 400
Arte Gráfica	3	R\$ 400
Equipamentos	1	R\$ 13
Capa de DVD com encarte	20	R\$ 42
DVD-R / etiqueta adesiva	20	R\$ 34
Impressão de memorial	3	R\$ 64
TOTAL		R\$ 2.723

9.3 – Roteiro

Apresentador	VOCÊ JÁ OUVIU FALAR QUE A SIMPLES FORÇA DO VENTO PODE GERAR ENERGIA ELÉTRICA? POIS ESSE ELEMENTO DA NATUREZA / TRANSFORMADO NA ENERGIA EÓLICA / ESTÁ PROMOVENDO UMA MUDANÇA DE PENSAMENTO EM RELAÇÃO ÀS FONTES DE ENERGIA NO PAÍS / ALÉM DE FAZER GIRAR A ECONOMIA DO BRASIL / PRINCIPALMENTE NO NORDESTE E ESPECIFICAMENTE / NA BAHIA // VEJA NA REPORTAGEM A SEGUIR //
Vinheta de abertura	
Bandeiras, fiação, pessoas na praia, barco a vela, carros, lâmpada.	COMO O VENTO É CAPAZ DE GERAR ENERGIA? O QUE É ENERGIA E COMO ELA FUNCIONA? BOM / O HOMEM PRECISA DA ENERGIA PARA PRODUZIR MOVIMENTO, ILUMINAÇÃO E PARA A PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA DO CORPO HUMANO // AO LONGO DA EVOLUÇÃO HUMANA / O HOMEM PRECISOU APERFEIÇOAR AS FONTES DE ENERGIA DE ACORDO COM AS NECESSIDADES QUE FORAM SURGINDO / DESDE A ENERGIA DO FOGO ATÉ A ELETRICIDADE //
Plataforma de petróleo, parque eólico, Caiuby Alves.	EXISTEM AS FONTES DE ENERGIA NÃO RENOVÁVEIS / QUE CAUSAM GRANDE IMPACTO AMBIENTAL // MAS TEMOS A ENERGIA RENOVÁVEL COMO A ENERGIA RETIRADA DOS VENTOS / QUE NÃO CAUSAM GRANDES IMPACTOS NO MEIO AMBIENTE // O PROFESSOR DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA / CAIUBY ALVES EXPLICA QUE OS MECANISMOS DA ENERGIA EÓLICA SÃO OS MESMOS DAS OUTRAS FONTES JÁ UTILIZADAS //
Sonora de Caiuby Alves	TODA VEZ QUE VOCÊ CONSEGUE MOVIMENTAR ALGO, GIRAR ALGO,

	<p>EM QUE ESSE ALGO VOCÊ TENHA UMA POSSIBILIDADE DE GERAÇÃO DE CAMPO ELETROMAGNÉTICO, VOCÊ VAI GERAR ENERGIA. NO CASO DA EÓLICA, A GERAÇÃO TEM OS MESMOS PRINCÍPIOS QUE VOCÊ TEM NA HIDRÁULICA, QUE VOCÊ TEM NA TÉRMICA, SÓ QUE ELES SÃO REGIDOS POR LEIS. DIGAMOS QUE TEM ALGUMAS RESTRIÇÕES EM TERMOS DE RENDIMENTO, MAS OS PRINCÍPIOS DE GERAÇÃO SÃO OS MESMOS.</p>
<p>Posto de combustível, imagens antigas da crise do petróleo</p>	<p>O USO DAS FONTES NÃO RENOVÁVEIS TEM ALTERADO AS RESERVAS NATURAIS QUE SÃO FINITAS / OU SEJA / NÃO SE RENOVAM // MAS FOI A PARTIR DA CRISE DO PETROLEO NA DÉCADA DE 70 QUE SE DEU A BUSCA POR FONTES RENOVÁVEIS E LIMPAS //</p>
<p>Placas de energia solar, parque eólico</p>	<p>ATUALMENTE / O BRASIL ESTÁ BUSCANDO OUTRAS FONTES RENOVÁVEIS COMO A ENERGIA SOLAR // EM 2002 / O GOVERNO FEDERAL CRIOU O PROINFA / PROGRAMA DE INCENTIVO ÀS FONTES ALTERNATIVAS DE ENERGIA ELÉTRICA //</p>
<p>Aerogerador, parque eólico, evento de energia eólica, projetos.</p>	<p>MAS FOI A EÓLICA QUE GANHOU DESTAQUE NOS ÚLTIMOS ANOS // NA BAHIA / O PRIMEIRO PROJETO EÓLICO APARECE EM 2009 / QUANDO A CONCESSÃO DA EXPLORAÇÃO DA EÓLICA GANHA O FORMATO DE LEILÃO / E NO MESMO ANO / O ESTADO CONSEGUIE CONTRATAR DEZOITO PROJETOS //</p>
<p>Mapa com indicação de projetos eólicos</p>	<p>EM 2012 / O ESTADO JÁ CONTABILIZAVA 57 EMPREENDIMENTOS // EXISTEM PROJETOS SENDO IMPLANTADOS DESDE O NORTE NA REGIÃO DE JUAZEIRO / DESCENDO PELA CHAPADA DIAMANTINA / ATÉ AS CIDADES DO SUL COMO GUANAMBI E IGAPORÃ //</p>
<p>Evento de inauguração do Complexo</p>	<p>O PRIMEIRO PROJETO</p>

Éolico Alto Sertão I	INAUGURADO FOI O COMPLEXO EÓLICO ALTO SERTÃO UM / EM JULHO DE 2012 // COM INVESTIMENTO DE UM VÍRGULA DOIS BILHÃO DE REAIS / A EMPRESA RENOVA ENERGIA INSTALOU ESSES GRANDES CATAVENTOS DE OITENTA METROS DE ALTURA NA REGIÃO SUL DA BAHIA //
Passagem de repórter	COMPONDO O COMPLEXO / CATORZE PARQUES FORAM INSTALADOS NAS CIDADES DE IGAPORÃ / GUANAMBI E AQUI EM CAETITÉ // CENTO E OITENTA E QUATRO AEROGERADORES COMO ESSES IRÃO PRODUZIR DUZENTOS E NOVENTA E QUATRO MEGAWATTS / QUE CORRESPONDE AO CONSUMO DE CERCA DE SEICENTOS E CINQUENTA MIL RESIDÊNCIAS //
Chesf, linhas de transmissão, fachada da empresa	MAS / PARA ISSO / AINDA É PRECISO QUE A CHESF / EMPRESA RESPONSÁVEL EM CONSTRUIR AS LINHAS DE TRANSMISSÃO / EXECUTE AS OBRAS PARA A ENERGIA SER REALMENTE APROVEITADA // ATÉ AGORA AS OBRAS NÃO INICIARAM // TENTAMOS UMA ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DA CHESF PARA ESCLARECER ESSES ATRASOS / MAS ELES NÃO QUISERAM SE PRONUNCIAR //
Infográfico mostrando a evolução da energia eólica na Bahia, carros e prédios.	O ESTADO, ATUALMENTE, TEM UMA CAPACIDADE INSTALADA DE 1.000 MW / MAS A PREVISÃO É DE 1.500 MW NO FINAL DE 2014 // COM ISSO / CERCA DE DEZ POR CENTO DA MATRIZ ENERGÉTICA NA BAHIA SERÁ PROVENIENTE DA FONTE EÓLICA / O QUE CORRESPONDE AO CONSUMO DE UMA POPULAÇÃO DE UM MILHÃO E SETECENTOS E CINQUENTA MIL HABITANTES //
Gilson Moraes	UM ASPECTO DESTACADO POR GILSON MORAES / DIRETOR DE

	ENERGIA DA SEINFRA / É A COMPLEMENTARIDADE ENTRE AS FONTES EÓLICA E HIDRELÉTRICA / O QUE AMENIZARIA OS PERÍODOS DE SECA NAS REGIÕES SEMIÁRIDAS //
Sonora de Gilson Moraes	NÓS ESTAMOS ATRAVESSANDO UM PERÍODO DE SECA, SABEMOS QUE ELE É CÍCLICO, VAI PASSAR, MAS NO FUTURO VOLTARÁ. E A ENERGIA EÓLICA EQUILIBRA EXATAMENTE ISSO. QUANDO NÃO HÁ CHUVA, OS VENTOS SÃO PREDOMINANTES. E AÍ VOCÊ TEM A ENERGIA EÓLICA COMO ENERGIA COMPLEMENTAR. ELA SEMPRE VAI SER UTILIZADA COMO ENERGIA COMPLEMENTAR, HAJA VISTA O QUE ESTAMOS PASSANDO AGORA.
Gilson Moraes	A ENERGIA PRODUZIDA NO ENTANTO NÃO SERIA O ÚNICO BENEFÍCIO / POIS O GOVERNO DEFENDE UM LADO SOCIAL NOS PROJETOS //
Sonora de Gilson Moraes	O LADO SOCIAL, ELE É BEM FLAGRANTE PORQUE A MODALIDADE DE UTILIZAÇÃO DAS TERRAS PREFERENCIALMENTE, E ISTO ESTÁ OCORRENDO, É ATRAVÉS DE ARRENDAMENTO. E ESSE ARRENDAMENTO TRAZ UMA FONTE DE RENDA, NÃO SENDO REDUNDANTE, ARRENDAMENTO COM A FONTE DE RENDA, PARA O PROPRIETÁRIO MUITO MAIOR QUE AQUILO QUE ELE PODE PRODUZIR COM A TERRA. NÓS SABEMOS QUE NO SEMIÁRIDO O ESFORÇO DESSES PEQUENOS AGRICULTORES É MUITO GRANDE E O RETORNO MUITO PEQUENO.
Almacks Silva	MAS O SOCIO-AMBIENTALISTA ALMACKS SILVA/ QUE ATUA NA REGIÃO DA BACIA DO SALITRE/ TEM OPINIÃO CONTRÁRIA SOBRE OS REAIS GANHOS DA POPULAÇÃO COM A CHEGADA DA ENERGIA EÓLICA. //

Sonora de Almacks Silva	AS EMPRESAS, ÀS VEZES, COLOCAM LARANJAS. ESSAS PESSOAS APARECEM COMO DONOS, EXPULSAM ESSAS COMUNIDADES TRADICIONAIS, A TERRA VALORIZA MUITO E ELES COMPRAM.
Imagens da cidade de Miguel Calmon	MAS A MAIORIA DOS EMPREENDIMENTOS HOJE É ACOMPANHADA POR UMA PROMESSA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL PARA A POPULAÇÃO LOCAL DAS CIDADES DO INTERIOR DA BAHIA //
Passagem de repórter	O VENTO / ESTE RECURSO NATURAL QUE ESTUDOS PROVARAM PODER GERAR ENERGIA PARA GRANDES METRÓPOLES / PODE MUDAR A REALIDADE DE PEQUENAS CIDADES // REALIDADE COMO A DO MUNICÍPIO DE MIGUEL CALMON / NA REGIÃO DO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA //
Cidade de Miguel Calmon, fachada da Casa dos Ventos, pessoas nas ruas, Kleber Mota.	COM POPULAÇÃO APROXIMADA DE VINTE E SETE MIL HABITANTES / ESTA CIDADE COMEÇOU A SONHAR COM UM NOVO FUTURO QUANDO A EMPRESA CASA DOS VENTOS CHEGOU AO MUNICÍPIO // PROMESSAS DE EMPREGO E RENDA FORAM FEITAS // QUEM INTERMEDIOU AS NEGOCIAÇÕES ENTRE POPULAÇÃO E EMPRESA E CUIDOU DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA FOI O EX-VEREADOR KLEBER MOTA //
Sonora de Kleber Mota	NA MINHA REGIÃO, QUE EU TRABALHO NA ÁREA DE MIRANGABA, JACOBINA E MIGUEL CALMON, NÓS JÁ TEMOS DUZENTOS E POUCOS CLIENTES, ISSO NA MINHA ÁREA JÁ CONTRATADOS OU POR ARRENDAMENTO OU POR COMPRA. É UM VALOR CONSIDERÁVEL, MAIS DE 40 MIL HECTARES ELES JÁ DETÊM DE POSSE DISSO, POR ARRENDAMENTO OU POR COMPRA.

<p>Imagens de Miguel Calmon, Zenilda Miranda.</p>	<p>A NOVIDADE GEROU DESCONFIANÇA EM MUITOS PROPRIETÁRIOS DE TERRA EM MIGUEL CALMON / MAS ALGUNS SE CONVENCERAM EM ARRENDAR SUAS PROPRIEDADES COMO A PROFESSORA APOSENTADA ZENILDA MIRANDA //</p>
<p>Sonora de Zenilda Miranda</p>	<p>OUTROS FALAVAM QUE GANHAVA POUCO, NÃO VALIA A PENA, EU ACHO QUE VALE A PENA SIM. SÓ DE SER ENERGIA LIMPA NÉ? É IMPORTANTE. ELES PAGARAM O ARRENDAMENTO SÓ PRA PASSAR NA PROPRIEDADE, ELES PAGAM DOIS MIL E POUCOS REAIS POR ANO, SÓ PORQUE PASSA NA PROPRIEDADE. AGORA AS TORRES, ONDE PEGA AS TORRES, ELES FALARAM QUE É UMA MÉDIA DE 800 REAIS. AGORA DEPENDENDO DA QUANTIDADE DE ENERGIA QUE PASSAR, AÍ QUE TÁ O PERCENTUAL A MAIS. TEM GENTE QUE DIZ QUE É DOIS MIL, TRÊS MIL, NÃO SE SABE. NÃO SE VIU AINDA NÉ? ESTAMOS AGUARDANDO</p>
<p>Contratos, torres de medição de ventos, Manoel Dantas.</p>	<p>NOS CONTRATOS FICA ACERTADO UM VALOR DE ARRENDAMENTO DURANTE OS ESTUDOS DE MEDIÇÃO DOS VENTOS DIFERENTE DO VALOR QUANDO AS TORRES COM AEROGERADORES ESTIVEREM REALMENTE INSTALADAS NO TERRENO // ALGUNS DONOS DE TERRA NÃO ACHARAM VANTAGEM NA OFERTA DA EMPRESA / COMO O FEIRANTE MANOEL DANTAS QUE RECEBEU PROPOSTA DA EMPRESA/ MAS DECIDIU NÃO ARRENDAR SUAS TERRAS //</p>
<p>Sonora de Manoel Dantas</p>	<p>EU NÃO ARRENDEI POR QUE NÃO TÁ CLARO, DE A GENTE SABER O QUE É, E EU POR ISSO NÃO QUIS. ELES FALARAM DE ARRENDAR A R\$ 1,50 POR HECTARE. FEZ A CONTA LÁ, DEU 181 REAIS E 50</p>

	CENTAVOS POR MÊS, EU DISSE NÃO. POR MENOS DE UM SALÁRIO EU NÃO ACEITAVA NÃO. UM SALÁRIO JÁ É POUCO E RECEBER SÓ ESSA TOLICE? NÃO, DEIXA LÁ.
Djalma Correia	MESMO TENDO ARRENDADO PARTE DE SUAS TERRAS / O COMERCIANTE E LAVRADOR DJALMA CORREIA DEMONSTRA CERTA DÚVIDA EM RELAÇÃO ÀS REAIS VANTAGENS DO ARRENDAMENTO // MAS TAMBÉM HÁ A ESPERANÇA DE QUE O NEGÓCIO VENHA A VALER A PENA NO FUTURO //
Sonora de Djalma Correia	DA RENDA DAS TORRES MESMO, FOI UM SALÁRIO MÍNIMO DENTRO DE UM ANO, NÃO FOI MUITA VANTAGEM NÃO, O ARRENDAMENTO... COMO ELES CONTAM, QUE O ARRENDATÁRIO VAI RECEBER UMA FAIXA DE 2 POR CENTO PELO QUE A TORRE PRODUZ DE ENERGIA, EU ACHO Q SERIA UMA BOA NÉ? PORQUE NÃO SEI QUANTAS TORRES VAI PEGAR DENTRO DO TERRENO, SÓ COM ELES MESMO QUE ENTENDEM.
Lucimar Santana, marido e filhos. Povoado de Macaúbas.	A LAVRADORA LUCIMAR SANTANA VIVE COM O MARIDO E DOIS FILHOS NO POVOADO DE MACAÚBAS E ARRENDOU SEUS SEIS HECTARES / MAS OS GANHOS AINDA SÃO INCERTOS //
Sonora de Lucimar Santana	HOJE EU AINDA NÃO TENHO ASSIM QUANTO EU RECEBO. ELE FALOU QUE TINHA ESSE ARRENDAMENTO, QUE SEMPRE CAÍA, MAS QUANDO OLHEI LÁ, ELES DISSERAM QUE NÃO, NÃO TINHA CAÍDO. ELES FOI LÁ, DISSE TÁ CAINDO, ESSE AÍ JÁ CAIU. SE ACONTECER DE PEGAR UMA TORRE, JÁ É OUTRO VALOR. SEM A TORRE É CENTO E POUCOS REIAS POR ANO.
Lucimar Santana e Kleber Mota	OS PEQUENOS AGRICULTORES ACABAM RECEBENDO UM VALOR MUITO BAIXO POR ANO PELO ARRENDAMENTO //

	QUESTIONADO SOBRE ISSO / KLEBER MOTA EXPLICA COMO OS ARRENDANTES PODEM TIRAR PROVEITO DOS CONTRATOS //
Sonora de Kleber Mota	ISSO, EU EXPLICO BEM E DOU UMA CÓPIA DO CONTRATO. ISSO É NO ESTUDO, QUANDO A GENTE TÁ FAZENDO A PARTE DE LEGALIZAÇÃO. NO PROJETO DE FATO, QUANDO FOR INSTALAR O PROJETO, CADA TURBINA QUE CAI NA PROPRIEDADE DELE, GERA EM TORNO HOJE DE MIL, MIL E CEM REAIS POR MÊS, ELES NÃO ENTENDEM ISSO.
Pessoas nas ruas de Miguel Calmon, torres de medição na cidade.	É NECESSÁRIO ESCLARECER A POPULAÇÃO SOBRE AS OPORTUNIDADES / DISCUTIR AS CONSEQUÊNCIAS DO MODELO IMPLANTADO NA REGIÃO E A IMPORTÂNCIA DA ENERGIA EÓLICA DIANTE DAS DEMANDAS SOCIAIS //
Sonora de Caiuby Alves	PRA QUE ELA SEJA SIGNIFICATIVA, NÓS VAMOS TER QUE INVESTIR EM PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO PRA TERMOS AEROGERADORES COM PERFIS AERODINÂMICOS ADEQUADOS ÀS NECESSIDADES BRASILEIRAS. E, POR OUTRO LADO, TAMBÉM TEMOS QUE OLHAR QUAIS SÃO AS DEMANDAS SOCIAIS DE ENERGIA NO BRASIL. VAMOS PEGAR O CASO DA BAHIA. A BAHIA TEM A MAIOR POPULAÇÃO RURAL BRASILEIRA E A MAIOR POPULAÇÃO ABSOLUTA SEM ENERGIA ELÉTRICA.
Sonora de Almacks Silva	MELHORA PRA QUE E PRA QUEM? GERALMENTE, AONDE TEM UM PARQUE, VEM A MINERAÇÃO ATRÁS. ELES APROVEITAM TODA A ESTRUTURA DA ESTRADA QUE ERA DIFÍCIL A MINERAÇÃO FAZER. FRACIONAM A TERRA, E COM ISSO A TERRA VALORIZA, AÍ VEM OUTRAS ATIVIDADES COMO AGRONEGÓCIO OU OUTRAS SITUAÇÕES. ENTÃO MELHORA,

	MELHORA PRA QUE E PRA QUEM MELHORA?
Manoel dantas, Djalma correia, Lucimar Santana, zenilda Miranda, torre de medição e aerogerador	ESSAS QUESTÕES DEVEM ENTRAR NA DISCUSSÃO ATRAVÉS DE UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE NESSE PROCESSO / PARA QUE ELE SEJA CONDUZIDO NÃO SÓ PELO EMPRESARIADO / COM SUA VISÃO ECONÔMICA / MAS TAMBÉM POR TODOS OS CIDADÃOS //

9.4 – Ficha Técnica

“CAMINHO DOS VENTOS” (11 min, digital, colorido, 2013)

Produção: Leandro Rios

Roteiro: Leandro Rios

Imagens: Maurício Lídio Bezerra

Edição: Maurício Lídio Bezerra

Arte Gráfica: Leonardo Ramos

Equipamentos:

1 câmera Canon T2i com tripé

1 microfone Philips

1 microfone de lapela